

“A prostituição em Caicó no XX: relações sociais em meio às feiras locais.”

Mirian Kelly Silva Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Esta comunicação busca analisar a partir do estudo de casos, a prostituição da mulher e sua imagem nos espaços das feiras na cidade de Caicó/RN, no XX. O texto trabalha com relatos de mulheres que sobreviviam da venda de seu corpo. Essas descrições revelam fatos da vida levada por elas no cabaré, na rua e nos bares da cidade, mostrando fundamentalmente as suas vivências em meio à comercialização de seu corpo, as humilhações a que são acometidas, a negociação do trabalho e principalmente a sua inserção na vida em espaços marginais, buscando uma melhor condição de vida para si e para suas famílias.

Palavras chave: prostituição, mulher, sexualidade.

O espetáculo da prostituição

A história da prostituição sempre esteve rodeada de discussões; para alguns, vista como problema, para outros uma solução. Muitas perguntas surgem em meio a toda essa teia de dúvidas, momentos, sexo, amor, ódio, bares, cabarés, ruas, comércio; a principal delas seria a cerca dos motivos que levaram mulheres a se prostituir. Muitas pessoas criticam, outras acham corajosas as mulheres que se prestam ao papel de profissional do sexo como se intitulam. Coragem? Sim, coragem de assumir uma vivência cheia de dificuldades, humilhações, riscos e perigos que podem até lhes custar a vida.

A prostituição é uma profissão antiga, que desde a antiguidade se faz presente na sociedade. Suas relações mudam com o passar do tempo, assumem formas, cores e lugares diferentes. A cidade de Caicó, situada no Seridó do Estado do Rio Grande do Norte, e que é local de estudo desse trabalho, vive desde o século XX a presença de cabarés, feiras, bares e ruas que serviam de local e ponto de prostituição, venda e troca de corpos, onde as pessoas buscavam nessas feiras além de fazer as compras de suprimentos alimentares, encontrarem prazer e consumo de drogas e bebidas

alcoólicas, em meio à afirmação e a personificação dessa nova forma de estabelecer relações interpessoais.

Os mercados ou feiras nascem com o estabelecimento das relações comerciais, aonde os fazendeiros e pequenos produtores vinham para a cidade em busca de vender e trocar mercadorias. No século XX essas relações começam a se misturar com o aparecimento de mulheres, que buscavam o dinheiro fácil, a venda de favores sexuais em busca de sua sobrevivência.

A sociedade local não via com boa vontade as prostitutas. Para as famílias tradicionais aqui situadas, estas mulheres representavam perigo ao seio familiar e social da cidade; essas profissionais eram como um caminho tortuoso e pecaminoso que desviava o rumo dos homens, levando-os ao mal, a trair suas esposas, abandonar seus lares e se entregar ao pecado luxurioso dos cabarés. No livro *Histórias Intimas de Mary Del Priore* a imagem do homem e da família tradicional demonstram o quanto a figura da prostituição iria em contraposição aos princípios e o intuito do casamento real, a autora fala que, na família

(...) os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos modelos femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da “feminilidade”, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. (DEL PRIORE, Mary. 2011. P.160)

As prostitutas chamavam o cabaré de casa de recurso¹, pelo fato de lá elas adquirirem o pão de cada dia, o sustento de suas casas e de sua família. Muitas mulheres moravam na casa de recurso, algumas contavam que lá estavam por que foram expulsas de casa, por que tiveram uma infância pobre e difícil, por não ter tido uma educação contrária aos princípios a que foram acostumadas e vivenciadas em meio à prostituição. O cabaré é o local mais comum de trabalho das prostitutas; mas estas também estavam localizadas em ruas, bares e no mercado público; aonde iam à

¹ Nome pelo qual as prostitutas chamavam o cabaré.

busca de ganhar dinheiro dos senhores de idade, que ali estavam também em busca delas. Na feira, os senhores pagavam para tocar seu corpo, olhar seus seios e seus órgãos genitais; na grande maioria das vezes a relação sexual nem acontecia com esses anciãos, eles pagavam apenas para ter a companhia das raparigas – nome dado a elas –, e para simplesmente acariciá-las.

No bar, as raparigas² estavam expostas a uma maior violência; onde expunham a brigas e a possibilidade de apanhar das esposas dos freqüentadores, da polícia e dos próprios clientes. O bar como local de bebedeira demonstrava toda a falta de cuidado que as mulheres tinham consigo mesmas. Nesses locais, em altas horas da noite ocorriam sexo, danças sensuais, tapas, espancamentos e prisões, tendo em vista o incômodo provocado à população circunvizinha. Muitas prostitutas declararam baixar a cabeça para tamanhas humilhações por não terem outra forma de ganhar a vida; muitas não tiveram a oportunidade de estudar, de buscar uma vida mais digna, outras até tiveram mais não deram valor para o que suas famílias lhes proporcionaram. E assim seguiam suas vidas, um dia ganhavam bem, outro só apanhavam, e viviam buscando de toda forma ganhar o sustento e buscando uma vivência mais confortável.

Desde o século XIX percebe-se aqui no Caicó, que a prostituição assumiu para a sociedade local um caráter cultural, o cabaré traduz para os homens, os políticos, os jovens um lugar de encontro, estabelecimento de relações e discussões. O cabaré era visto como centro de diversão, de passa-tempo para os senhores. As vistas dos jovens rapazes eram como um portal de entrada para a vida sexual. Alguns pais levavam seus filhos ao encontro das mulheres da vida para ter sua primeira relação sexual, como forma de esses jovens adquirirem experiência e virilidade, demonstrando sua superioridade e masculinidade em relação a mulher.

Essa cultura sexual está presente na vida de muitos jovens do século XX, notava-se a procura exacerbada de rapazes, em busca do prazer, da orgia e da afirmação de sua imagem viril, de homem másculo e seguro. Muitas vezes esses rapazes tinham um casamento acertado, uma noiva de família boa e tradicional, mas em busca de se mostrar seguro na primeira noite de casado, viviam enfiados nos

² Substantivo pelo qual a sociedade denominava as prostitutas.

cabarés afim de garantir maior autonomia na cama. Sobre as experiências sexuais masculinas ligadas a prostituição Mary Del Priore comenta:

Na pratica, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional. Nesse cenário, moviam-se moças de família versus levianas, galinhas versus moças para casar, vassourinhas e maçanetas. “Dar-se ao respeito” era uma palavra de ordem. (DEL PRIORE, 2011. P.160)

As coisas mudam e na cultura percebem-se as mudanças e aperfeiçoamentos na moda, na música, no corpo, nas estruturas políticas e econômicas. No que diz respeito às mulheres da vida³, isso não é diferente, porém o espetáculo proporcionado pelas prostitutas a cada ano e a cada século assumia um caráter monumental. Muitas mulheres se preocupavam com o corpo, em estar magra, bem vestida, mesmo as roupas sendo de poucos panos, sempre muito apertadas, coloridas e curtas. Diante disso, as mulheres de bem estavam sempre preocupadas em não parecerem vulgar, promíscuas ou fisicamente iguais as prostitutas, regulavam o uso de perfumes, maquiagens e vestidos. As senhoras da alta sociedade enxergavam no espetáculo uma forma de perversão, de defloramento dos bons costumes.

É como se a imagem fosse agredida, tirando o seu caráter de beleza e se transformando num sinônimo de vulgaridade. A prostituta era considerada uma mulher pública, que despertava os discursos mal intencionados, que era uma fonte de prazer, de comércio, de mercadoria. Em uma passagem do livro “Os Prazeres Da Noite”, Margareth Rago discursa a respeito da visão das senhoras contra os usos abusivos e extravagantes das prostitutas:

Nas entrelinhas dos discursos que advertiam as senhoras contra os usos exagerados dos perfumes, das jóias, das roupas decotadas, pairava a ameaça latente da identificação com a cortesã. A “mulher pública” era visualizada como a que vendia seu corpo como mercadoria: como vendedora e mercadoria simultaneamente. Como a mulher que era capaz de sentir prazer, que era lugar de prazer. (RAGO. 1991. P.38).

³ Mais uma forma que a sociedade utilizara para se referir as prostitutas, mulheres da vida, que não tinham lar, que viviam aqui e ali em busca de sobreviver trabalhando com o corpo.

O espetáculo da prostituição não estava somente ligado à imagem, mas também as atitudes e comportamentos das mulheres. Era notória a diferença de comportamento entre a prostituta e a senhora casada; desde as vestes ao modo de falar. A prostituta em grande maioria falava errado, agia por impulso, falava palavrões, gritava e buscava a todo instante chamar a atenção. Em comparado a imagem de mulher da alta sociedade notava-se tamanha contraposição, onde o modo de falar era de uma sofisticação e leveza incomparável, buscava chamar a atenção pela educação, pela vestimenta elegante, pela superioridade em relação às dificuldades e imposições que a vida lhes oferecia. A senhora de bem era do mais alto padrão social, tinha em suas práticas sociais o amor e o respeito ao próximo, a educação de base e os princípios ganhos em toda uma vivência política e social adquirida pelos costumes de sua família. O espetáculo social em ambos os lados era diferente, e tomado de formas e palavras, buscando em cada ponto a afirmação de uma personalidade e modo de viver.

A prostituição se construiu na sociedade como um fantasma que atingia as melhores famílias, representando perigo para as mulheres casadas. As prostitutas eram taxadas como perigosas pelas senhoras casadas, sinônimo de pecado, onde depositavam a luxúria e a gula, o desejo indubitável de conseguir homens, dinheiro e prazer. A mulher como objeto de comércio, venda e troca de mercadoria era vista com desprezo pela sociedade tradicional, humilhações eram freqüentes, denúncias e brigas constantes; a prostituta era uma fonte de desavenças e fins de casamentos; por vezes trazia para a vida dos homens doenças, gravidez indesejada e filhos bastardos que apareciam como pedras no sapato dos homens de bem.

A contaminação por AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis eram freqüentes em meio a relações numerosas durante todo o dia. A AIDS surge nos anos 80, e é a doença mais temida e perigosa para os seres humanos, tendo em vista a falta de recursos e tratamentos eficazes para sua cura. As prostitutas eram obrigadas a se relacionar com todo tipo de homem, novos, velhos, ricos, pobres. Muitos deles elas nem conheciam, nunca haviam visto em sua frente, mas por necessidade eram levadas a cometer atos impensados e assim ficando expostas as contaminações por AIDS, herpes, sífilis, dentre outras doenças. A prostituição assumia um caráter de mundo

moderno, desprendido dos costumes tidos como corretos pela sociedade crista e tradicional.

Nesse emaranhado de opiniões e gestos, a imagem da mulher como instrumento de comercialização se traduzia no século XX como fonte de renda, de venda e troca de sentimentos e prazeres. Os homens iam à busca de um produto, as mulheres em busca de dinheiro, e assim iriam se desencadeando tramas e dramaturgias da vida real. Percebe-se que a prostituição relatava o vínculo mais esdrúxulo de mercadoria, demonstrando o quanto era fácil para um homem conseguir comprar prazer. A prostituta simbolizava para ele uma fonte, um objeto, um brinquedo que ele manipulava de acordo com sua necessidade; sendo esta mulher obrigada a proporcionar para ele todas as formas possíveis de luxúria, satisfação e saciedade dos seus desejos.

O comércio corporal se desenrolava em todos os cantos do cabaré, da rua e do mercado, favorecendo os pecados carnis de homens e adolescentes em meio a uma fonte de sexo tão fácil e acessível quanto uma prostituta. Isso trazia uma grande deficiência no conhecimento e estabelecimento de uma condição humana para a mulher, a formação da identidade feminina era afetada, surgindo uma grande dificuldade em distingui-la como um ser que tinha sentimentos, boa índole e uma vida normal, que buscava um amor, uma família e uma fonte de renda natural como as pessoas do círculo social em que viviam. “A construção do mito da mulher passiva e ociosa criou grandes dificuldades para se conhecer a história da condição feminina no Brasil, quer estejamos tratando da “mulher normal” ou da prostituta. (RAGO, 1991. P.58)”.

Já em finais do século XX, as relações de prostituição permaneciam quase iguais; a imagem da mulher permanecia como aquela que era passiva, fácil e vendida por alguns trocados, em busca apenas do prazer carnal. Nas ruas e nos bares permaneciam os espetáculos, as roupas chamativas, os perfumes fortes, o batom vermelho, transmitindo a imagem de uma mulher espetaculosa como fonte de prazer. Para algumas pessoas essas mulheres não tinham sentimentos, não tinham amor, para outros era essa falta de sentimento que as levava a serem duras e insensíveis, buscando a todo custo o sexo, e por conseqüência o dinheiro, sem se preocupar com o

sentimento alheio, com a família que esses homens tinham, nem muito menos com suas mulheres.

Comportando as suas diferenças e formas de chamar atenção, as prostitutas se distinguiram como mulher de todos e de ninguém exclusivamente. Consideravam-se poderosas e sensuais, podendo conduzir um homem ao extremo orgasmo, diferente do que eles poderiam conseguir com suas esposas, se consideravam donas do prazer, senhoras da luxúria e do sexo, seja ele de que forma fosse, as prostitutas tinham em sua essência a fórmula e o cheiro do demoníaco ato de seduzir e conseguir o prazer que desejavam, conduziam a situação da forma que achavam certo, da forma que lhes proporcionasse o maior sentimento de prazer possível, algumas relatavam que o sexo para elas era a forma mais simples de demonstrar imponência e inteligência no que chamavam arte de “dar”, de conquistar, de realizar seu trabalho da forma mais vulgar e prazerosa que os homens, seus fiéis clientes poderiam imaginar. Algumas prostitutas declaravam achar as esposas dos seus fregueses ridiculamente incompetentes, pois, seus homens vinham ao cabaré buscar a saciedade que não tinham no interior de suas casas, isso se tornava uma humilhação muito vergonhosa para as senhoras de bem da sociedade caicoense da época.

O trabalho e o lar que se misturavam ao botequim

Durante a pesquisa e a leitura das fontes utilizadas para a produção deste artigo, observava-se situações que com base no livro “Trabalho, Lar e Botequim” do autor Sidney Chalhoub, contribuiu para a nomeação deste último tópico do artigo como o trabalho e o lar que se misturavam ao botequim. Realmente analisando as vivências das ex-prostitutas entrevistadas para essa produção, é nesse título que se consegue focalizar a realidade em que estas mulheres viviam.

Seu trabalho era vender seu corpo, seu lar era o cabaré e neste se instalava o botequim, ou no botequim se instalava o cabaré. As mulheres moravam nesses locais, faziam parte de uma família, pervertida, mas nem por isso inferior a uma configuração familiar. A cafetina⁴ que as aliciava era como se fosse a mãe, as prostitutas as irmãs e os clientes os maridos, seus companheiros por uma hora, ou por uma noite, que lhes

⁴ Aliciadora de mulheres, pessoa responsável por levar as prostitutas ao cabaré e lá mediar as apresentações e negociação do programa.

proporcionavam o pão de cada dia e prazeres que eram recíprocos. No seu lar eram cobradas, tinham que dar uma porcentagem do que ganhavam para a cafetina, no botequim tinham que atender os clientes que chegavam de forma educada e simpática e no trabalho os satisfazer da forma mais audaciosa possível, para que o cliente satisfeito voltasse sempre em busca de alegria e prazer.

Como no livro de Chalhoub, podemos perceber a procura nos cabarés aqui de Caicó, de homens trabalhadores, alguns casados, outros solteiros que iam em busca de botar o stress para fora e vivenciar noites de loucura e quebra de regras. As prostitutas relataram que as maiorias de seus clientes apareciam no final de semana, alguns saíam do trabalho e vinham direto para a casa de recurso, onde permaneciam por toda a noite da sexta, sábado e domingo. Por vezes iriam até suas casas apenas tomar banho e logo retornavam para beber, fumar e namorar com as meninas.

As prostitutas desde séculos passados adquiriram uma imagem de produto, mulheres sem um lar condicionado, sem regras, sem pudor, que viviam do corpo, do sexo, do prazer proporcionado pela bebida, pelas drogas e pelo dinheiro. Seu único objetivo de vida era ganhar, por vezes elas queriam mudar, mais a vida que levavam não lhes propiciava essa mudança, algumas relatavam ter a vontade de estudar, mas durante o dia eram obrigadas a fazer a limpeza e a arrumação do cabaré e durante a noite era à hora de fechar negocio e executar sua apresentação perante a clientela do botequim.

Um trabalho suado, pondo em risco suas vidas, as prostitutas estavam sujeitas a doenças, a morte, a violência, elas tinham consciência disso, mas a sua educação e sua situação econômica e social não lhes permitiria mudar de vida, isso até acontecia quando vinha ao cabaré um cliente que por elas se apaixonava. Relatos contaram que algumas vezes meninas foram tiradas da casa de recurso por homens que lhes pediram em casamento ou que simplesmente as levaram para criar, pois era freqüente a presença de adolescentes nos cabarés, alguns senhores ricos as propunha ir embora, receber um lar, uma educação e uma família digna, em troca elas lhes seriam obedientes, prometendo nunca mais ir à casa de recurso, não mais tocar em drogas, nem ingerir bebida alcoólica.

Para muitas mulheres a proposta de um homem desses simbolizava uma salvação, para outras, era apenas uma cascata preferindo continuar prostituta. Em uma passagem do livro Chalhoub coloca uma afirmação resumindo um pouco do sentimento das prostitutas podendo indicar, muitas vezes

(...) uma menor durabilidade, e talvez até instabilidade, nas relações homem-mulher entre essas pessoas, mas, ao mesmo tempo, ao possibilitarem uma relação mais simétrica, talvez abrissem as portas para um relacionamento mais significativo afetivamente, com considerável espaço para o amor e o carinho. (Chalhoub, Sidney.2001. P.213)

As prostitutas desde o século XX aqui em Caicó lutam por uma condição de vida melhor, economicamente tranqüila e longe da luxúria e dos prazeres carnais; como elas mesmas relataram é muito difícil essa vida, é muito triste depender do corpo da forma mais vulgar de ganhar dinheiro, do termo mais humilhante de serem chamadas, são putas, quengas, raparigas, todos os termos chulos que a sociedade atribuiu a essas mulheres, que afinal de conta só estavam tentando adquirir um meio de subsistência para se afirmar enquanto ser humano ativo em uma localidade, desejando obter respeito, consideração e uma valorização de sua imagem e papel de mulher na sociedade.

Apesar de levarem uma vida muito criticada pela população essas prostitutas tem um papel importante para sua família, seus amigos, com certeza tudo o que elas sempre desejaram foi ter uma vivência digna, ganhar dinheiro para sustentar suas vontades, seus luxos, seus filhos; por que afinal elas são humanas, são mulheres normais, que querem um dia ser amadas, ter uma casa e uma vida instável ao lado de alguém que as ame, que dê instabilidade e segurança para envelhecer feliz e confortável cuidando de sua prole.

Referências

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque/ Sidney Chalhoub. – 2ª edição - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

DEL PRIORI, Mary. Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. Mary Del Priori. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

RAGO, Margareth. Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930/ Margareth Rago. – Rio de Janeiro, 1991.